

**Manuel Henrique Pinto** (1853-1912) e **José Vital Branco Malhoa** (1855-1933), ainda quase meninos, encontram-se pela primeira vez na *Academia Real das Bellas Artes* de Lisboa. Um vinha de Cacilhas, do outro lado do Tejo, num tempo sem cacilheiros, e nos primeiros anos faltava muito às aulas, por isso se mudou para a cidade. O outro, parece que com uma perna partida, veio das Caldas da Raíña para casa do «mano Joaquim» a fim de curar a mazela e abraçar vida nova. Acabaram por se juntar nas aulas e corredores de S. Francisco e fizeram-se amigos para toda a vida. Dos professores que ali tiveram, sem esquecer Thomaz José da Anunciação (1818-1879) e Miguel Ângelo Lupi (1826-1883), dois houve que mais os marcaram – Joaquim Gregório Nunes Prieto (1833-1907) e **José Simões d’Almeida júnior** (1844-1926)<sup>1</sup>.

Anos depois, no começo da aventura do *Grupo do Leão*, já homens feitos e pintores a fazerem-se, é este antigo Mestre, agora também um amigo, que os traz até Figueiró (1883) - «...venham para a minha Terra, que têm muito que pintar!». E eles vieram... - a história é já sabida.

O Pinto logo aqui casa com uma prima do Simões, a Maria da Conceição (1859-1941). O casamento (1885) é apadrinhado pelo Malhoa e pela sua mulher Júlia (1853-1919), casados já para cinco anos. Para cinco anos também, M<sup>a</sup> da Conceição e o primo Simões haviam apadrinhado<sup>2</sup> um sobrinho comum, o «Zézito». Levou o nome do tio escultor e também o seu destino. Mais tarde, ao assinar na pedra ou no barro e para se distinguir do outro, teria de acrescentar ao seu nome de baptismo a palavra «sobrinho». **José Simões d’Almeida, sob.º** (1880-1950) foi mais um dos Artistas maiores que, do Cimo da Vila à Fontinha, por opção ou por berço, desta fizeram a sua Terra.

Muito justamente, é com os quatro de novo juntos que se inaugura o Museu e Centro de Artes Municipal de Figueiró dos Vinhos.

---

<sup>1</sup> «...dois grandes mestres» - dirá Malhoa. E referindo-se mais particularmente a Simões - «uma influência enorme no desenho». Carta citada por Humberto Plágio, in *José Malhã (Pintor)*. Lisboa.1928. p26.

<sup>2</sup> Sem absoluta certeza, ou foi M<sup>a</sup> da Conceição ou a Mãe desta, também Conceição, a madrinha de Simões (sobº) - as fontes não são claras. De qualquer modo a história será parecida e fica toda em família...

Mas aqui uma outra história. Um bocadinho daquela que não foi contada ainda. A história de Henrique Pinto e José Malhoa ainda jovens, enquanto estudantes das *Bellas Artes* ou, logo depois disso, cheios ainda de sonhos e candidatos aos concursos para pensionistas do Estado no estrangeiro. A história que nos contam algumas fotos e uma dezena de obras da juventude, velhinhas e marcadas pelo tempo, mas que conseguiram chegar aos dias de hoje.

Comecemos por um interessante **Desenho de Ornato**, a carvão, não datado mas assinado «J. Malhõa» e com uma curiosa nota manuscrita «prova d'exame 1º(?) ano escola de Bellas Artes», tendo ainda, na sua parte superior e agora escondido pelo *passe-partout*, a indicação «Nº 5». A assinatura e a nota serão posteriores mas da mão do próprio. Estaremos, a ser assim, perante um dos primeiros desenhos de Malhoa enquanto aluno da Academia, talvez ainda anterior à data agora atribuída, c.1870.

Com mais certezas, porque assinados e datados na altura da feitura, outros três desenhos a carvão de Malhoa. Por certo cópias de estampas, ainda ao jeito do Romantismo, que a «tomada do Natural» era prática que estava por vir. Duas **Paisagens**, ambas datadas de 1870 – aos quinze aninhos, portanto – soturnas e dramáticas, soando a Wagner e a florestas bávaras, muito longe do sol aberto da Lavandeira. E, do ano seguinte, **Uma ninhada, 1871**, com cadela meio escanzelada e hortaliça estrangeira...

Para finalizar esta pequena mostra de desenhos, o **Retrato de minha Mãe, 1872**, onde o jovem Malhoa, então com 17 anos, retrata Ana Clemência. Um carvão ainda tímido de traço, que o Artista sempre guardou zelosamente e cujo destino, a par do «retrato da minha falecida mulher», deixará bem determinado, e que nos é dado ver agora...

Retrato, este do próprio Malhoa - e para lá das várias fotos da época<sup>3</sup> que também se reproduzem - é o medalhão em gesso da autoria de **João Rodrigues Vieira** (1856-1898). Condiscípulo na Academia, companheiro no futuro Grupo do Leão, escultor promissor, pintor e professor de desenho depois, Rodrigues Vieira regista neste **Retrato de Malhoa, 1874**, o perfil do colega aos dezanove anos. Que se conheça, é o primeiro retrato de Malhoa, ainda imberbe, ainda estudante das Belas-Artes, feito por um Artista amigo.

Só anos mais tarde, primeiro no óleo (1882) de António Ramalho (1859-1916), depois na galvanoplastia (1883)<sup>4</sup> de Simões d'Almeida e, finalmente, no célebre retrato colectivo de *O Grupo do Leão*, 1885<sup>5</sup>, de Columbano Bordalo Pinheiro (1857-1929), teremos outras representações de Malhoa, então já homem feito.

---

<sup>3</sup> De arquivo particular.

<sup>4</sup> Ambas as obras no acervo do Museu José Malhoa, Caldas da Rainha.

<sup>5</sup> No acervo do MNAC – Museu do Chiado, Lisboa.

Talvez ainda por esta altura, cerca de 1874, talvez um pouco antes, foi tempo de deitar tintas às telas – melhor, a pequenos cartões ou a estes colados sobre fracas tramas, que as boas eram coisa cara. Suportes frágeis, pouca longevidade tiveram. Estes, em muito mau estado<sup>6</sup>, serão dos poucos a chegar até nós.

**Nabos e cenouras, c.1874**, e mais outros tubérculos, muito provavelmente de Henrique Pinto, é um exercício de pintura ainda ao gosto antigo, daquele em voga nas exposições da velha Promotora – «essas pintadas exhibições ortículas»<sup>7</sup>. Uma pequena mas bela amostra do que então se fazia.

Como em todas as boas histórias, há também a parte do mistério – «mas quem será...?». Um par de pinturas - **Barros e plantas** - gémeas na temática, no suporte, no tamanho, mesmo na forma de pintar. E dois Pintores, ainda verdes mas sonhadores, que se fazem retratar com elas, como se fossem as suas *obras primas* – as primeiras, bem entendido. A foto, que também tem par, foi revelada há um ano<sup>8</sup>, as obras são-no agora.

A(s) foto(s), uma pintando a outra desenhando – e interessa agora só a primeira – pode ser datada com razoável certeza pelo início do ano de 1875 – outras, uma com dedicatória do ano anterior, mostram os retratados ligeiramente mais jovens e mais magros. Nesta, Manuel Henrique Pinto está de pé, enquanto José Malhoa faz que pinta. Sobre o cavalete, um quadro – precisamente um destes – no chão, meio encoberto pelas pernas de Pinto, uma outra pintura – nem mais nem menos que o outro quadro aqui presente.

Que importância teriam estas pinturas para os Pintores as levarem ao estúdio e se fazerem retratar com elas? Seriam as provas finais do curso, ou as provas de concurso? Não o sabemos; sabemos que as guardaram e conservaram. E, partindo do princípio que cada uma é de cada qual, é a de Malhoa a que este finge pintar e a de Pinto a que está junto a si? Ou os “malandros” levaram a encenação tão a sério que nos trocaram as voltas? Talvez nunca o saibamos; sem marcas, sem assinaturas, permanecerão um mistério<sup>9</sup>. Mas são marcas de uma sã camaradagem e de um começo de vida artística que muitíssimas vezes continuaria a ser feita a par.

---

<sup>6</sup> Registe-se o paciente e laborioso trabalho de Paulo J. Ricardo da Cunha na recuperação possível das obras agora apresentadas.

<sup>7</sup> João Ribeiro Christino da Silva, in *Estética Cidadina*. Lisboa: Imprensa Libanio da Silva. 1923. p.28. Onde nos explica ainda, a propósito da Sociedade Promotora das Belas Artes: «Depois dos tempos áureos dessa Sociedade, aí entre 1855 e 1865 em que os mais notáveis artistas de então ali apresentavam as suas melhores telas e esculturas, (...) depressa veio a decadência, (...) o que abundava mais nos últimos certamens eram barcos de guerra e mercantes sábiamente pintados de cór, ou amplas telas com várias ortalijas, parecendo o salão uma sucursal da Praça da Figueira».

<sup>8</sup> Ver: *A Duas Mãos | Desenhos inéditos: Manuel Henrique Pinto (1853-1912) e José Malhoa (1855-1933): Pelo Centenário da morte de Manuel Henrique Pinto*. Figueiró dos Vinhos: Clube Figueirense; Município de Figueiró dos Vinhos. 2012.

<sup>9</sup> Durante mais de meio século a coisa esteve mais ou menos clara: o quadro do vaso caído, o que na foto aparece no chão junto a H. Pinto – do outro nem se sabia a existência - era “um trabalho escolar de Malhoa”. Uma leitura mais atenta da foto e a redescoberta do outro quadro, tudo põem em causa. Mais a mais, que a tradição oral vale o que vale, e a mais próxima, nestas coisas e muitas das vezes, é a mais traiçoeira...

Por fim, já em tela razoável, assinada e datada «JMalhoa 1875», com a rubrica de Francisco de Assis Rodrigues, Director Geral da Academia, «FAssís, DG.», pelo tardo, indicando claramente que foi um trabalho de exame ou concurso, temos uma **Cabeça de cavalo, 1875**. Feita aos vinte anos, era uma cabeça que prometia...

Sem muitas fontes onde confirmar, resta alguma especulação.

Pela certidão<sup>10</sup> passada a Henrique Pinto por ocasião do «concurso ao logar de pensionista em pintura de paisagem» desse ano, ficamos a saber que este apresentou, na 3ª prova, a «cópia d'uma cabeça de cão, do natural e na mesma dimensão, foi qualificado – bom». É provável que tal cabeça seja o *Retrato do Néné*, mais tarde mostrado, já «Pert(acente) ao sr. P. da Costa», na primeira Exposição do Grupo do Leão (1881) – dessa obra apenas se conhece a gravura então publicada no catálogo.

Não sabemos se, no tal concurso onde ambos participaram, o cão era modelo comum e único ou se, eventualmente, Malhoa terá ido de cavalo. Se assim foi, é muito possível que esta seja a sua obra concorrente – fica a hipótese. E a cavalo galopam depois mais umas tantas histórias...



Anulados os concursos, este como o anterior - coisa sabida - não se julgue que o desalento venceu, e foi «partir paletas e pincéis...» como sói dizer-se. No verão desse mesmo ano, Henrique Pinto, talvez animado com o «bom» que lhe valeu o canídeo, renova matrícula<sup>11</sup> - «... tendo acabado a aula de pintura da paisagem (...) deseja aperfeiçoar-se no estudo da pintura de animais...». E José Malhoa, segundo outros registos<sup>12</sup>, anos depois também ainda por lá andaria... Que o estudo e o trabalho nunca fizeram mal a ninguém - mal é os não ter.

Sem falar por contar, sem fadas ou quimeras, aqui ficam alguns pedaços desta parte da história. Resta sempre por dizer. «E era uma vez...» - vamos a tempo de recomeçar - olhando de novo cada desenho, cada quadro, de dois meninos que um dia quiseram ser Pintores...

Junho, 2013.

Luís Borges da Gama.

<sup>10</sup> Em arquivo particular.

<sup>11</sup> FBAUL. [Disponível na Secretaria da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa] – Requerimento apresentado por M. H. Pinto, datado de 17.6.1875 – consulta feita pela Professora Sandra Leandro, a quem muito agradeço a disponibilização, colaboração e crítica.

<sup>12</sup> AHFBAL. [Disponível no Arquivo da Faculdade de Belas-Artes de Lisboa] – Registo de matrícula: «Curso de Pintura Historica | José Victal Branco Malhoa, 27 anos | filho de Joaquim Malhoa | morador na Rua da Oliveira ao Carmo nº9 | profissão estudante | Aula de Modelo Vivo | 23 de Outubro de 1882 | Aluno Voluntário».